

XXVI DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO A)

Ez 18,25-28; Sl 24; Flp 2,1-11; Mt 21,28-32

COMENTÁRIO*A missão da conversão: dizer «sim» ao Pai com a vida*

A liturgia do XXVI Domingo do Tempo Comum apresenta-nos um trecho evangélico breve, mas extremamente provocador: a parábola dos dois filhos chamados pelo pai para trabalhar na vinha. O primeiro filho recusa, mas depois arrepende-se e vai para a vinha; o segundo aceita imediatamente, mas não vai. Jesus apresenta-nos então uma pergunta simples e decisiva: «Qual dos dois fez a vontade do pai?». Não basta dizer «sim» com os lábios; é preciso transformar o nosso «sim» em vida. No início do mês missionário e enquanto celebramos a memória de Santa Teresa do Menino Jesus, padroeira das missões, esta Palavra recorda-nos que a missão nasce da conversão e realiza-se no amor concreto.

1. «Filho, vai hoje trabalhar na vinha»: a missão nasce de um chamamento

O primeiro elemento que salta à vista na parábola é a simplicidade do chamamento do pai: «Filho, vai hoje trabalhar na vinha». Não se trata, antes de mais, de uma ordem impessoal dirigida a um empregado, mas de uma palavra dirigida a um filho. Antes mesmo de ser chamado a trabalhar, ele é chamado a viver uma relação filial. A missão cristã nasce precisamente desta relação: somos enviados porque somos filhos, porque pertencemos ao Pai e porque recebemos de Cristo a graça de participar na sua própria missão.

A vinha, na tradição bíblica, remete para o povo de Deus e para o projeto de salvação que Deus realiza na história. Entrar na vinha significa, portanto, colaborar na obra de Deus, participar na sua vontade de reunir, salvar e santificar os seus filhos. A missão não é uma atividade que alguns cristãos particularmente generosos acrescentam à sua vida; pertence à própria identidade do discípulo. O Pai continua ainda hoje a sair e a chamar: chama sacerdotes, consagrados, missionários, famílias, jovens, idosos, leigos e comunidades inteiras. Chama cada um segundo a sua vocação e segundo os dons recebidos.

A questão fundamental, então, não é apenas: «O que devo fazer?», mas: «Como estou a responder ao chamamento do Pai?». Podemos, de facto, encontrar-nos na situação do primeiro filho, que inicialmente diz «Não quero», mas depois converte-se e parte. Pode ser a imagem de tantas pessoas que reconheceram a sua fraqueza, as suas resistências, os seus pecados, mas que tiveram a coragem de mudar de rumo. Deus não despreza o nosso «não» quando este se torna o ponto de partida de uma conversão autêntica. O Senhor é capaz de transformar até mesmo uma resistência inicial num «sim» vivido.

Isto é particularmente importante para a missão. A missão não exige pessoas perfeitas, sem fragilidades e sem passado; exige pessoas dispostas a deixarem-se converter pelo Senhor. O verdadeiro missionário não é aquele que pode dizer: «Eu sempre disse sim», mas aquele que, mesmo depois de ter experimentado a sua própria fraqueza, pode dizer: «Senhor, aqui estou: hoje quero ir para a tua vinha».

2.- «“Não quero”. Depois, porém, arrependeu-se e foi»: a verdadeira obediência passa pela conversão

O primeiro filho oferece-nos, assim, uma segunda lição: o “sim” mais autêntico não é necessariamente aquele pronunciado em primeiro lugar, mas aquele que, no final, se torna vida. Ele diz «Não quero», mas depois «arrependeu-se e foi». No texto evangélico, o verbo indica uma mudança interior, uma conversão. Ele reconsidera a sua posição e decide cumprir a vontade do pai.

Aqui encontramos um tema central da missão: a conversão do missionário precede e acompanha a missão para com os outros. Não podemos anunciar eficazmente a conversão se nós próprios não estivermos continuamente dispostos a converter-nos. A missão não consiste simplesmente em levar aos outros palavras religiosas, mas em testemunhar com a vida que o Evangelho pode realmente transformar uma pessoa. O missionário é, antes de mais nada, um homem ou uma mulher que se deixa continuamente converter pelo Evangelho que anuncia.

Por isso, Jesus pronuncia palavras surpreendentes: «Os publicanos e as mulheres de má vida irão à vossa frente para o reino de Deus». Certamente não está a elogiar o pecado, mas coloca diante dos olhos dos seus interlocutores o mistério da conversão. Aqueles que eram considerados distantes acreditaram na pregação de João e mudaram de vida; aqueles que se consideravam próximos, pelo contrário, ouviram e não quiseram converter-se. O problema não é, portanto, ter estado distante ou próximo; o problema é acolher ou rejeitar a graça da conversão.

Isto também reveste uma grande importância missionária. A Igreja é enviada para junto de todos, sobretudo para junto daqueles que se sentem distantes, excluídos, esquecidos ou indignos. O missionário não pode erguer muros com base no passado das pessoas. Deve anunciar-lhes que o Pai continua a chamá-las e que a porta da sua vinha permanece aberta. O Evangelho de hoje pede-nos também que mudemos o nosso olhar: não classificar as pessoas de acordo com o que foram, mas reconhecer o que a graça de Deus pode fazer nelas.

Neste sentido, a missão é sempre uma obra de esperança. Ninguém deve ser considerado definitivamente perdido. Enquanto uma pessoa puder ouvir o chamamento do Pai, ainda pode dizer o seu «sim». E a nossa tarefa missionária consiste precisamente em ajudar as pessoas a reconhecer essa voz, a acolher a misericórdia de Deus e a pôr-se a caminho.

3. Com Santa Teresinha, entrar na vinha através do amor

A parábola dos dois filhos ganha um significado especial no início do mês missionário e na véspera da festa de Santa Teresa do Menino Jesus. Teresa de Lisieux ensina-nos que trabalhar na vinha do Pai não significa necessariamente realizar grandes obras visíveis aos olhos dos homens. A sua missão concretizou-se na pequenez, na vida oculta, na oração, no sacrifício quotidiano e, sobretudo, no amor. Foi precisamente por isso que foi proclamada padroeira das missões, juntamente com São Francisco Xavier: ela compreendeu que a missão da Igreja não vive apenas da ação exterior, mas da santidade e do amor com que cada membro do Corpo de Cristo participa na obra evangelizadora.

À luz do Evangelho de hoje, poderíamos dizer que Teresa não se limitou a dizer ao Pai: «Sim, vou para a tua vinha». Ela procurou transformar toda a sua vida num «sim» concreto, quotidiano e oculto. A sua vocação missionária nasce da consciência de que cada pequeno ato de amor, unido ao amor de Cristo, pode contribuir para a salvação do mundo. É uma missão que não se mede pela quantidade de atividades realizadas, nem pela visibilidade dos resultados, mas pela profundidade do amor.

Isto ajuda-nos também a compreender o significado do mês missionário que está prestes a começar. Em outubro de 2026, a Igreja celebrará a 100.^a Jornada Missionária Mundial, e o Papa Leão XIV escolheu como tema «Um em Cristo, unidos na missão». A sua mensagem apela à união com Cristo

como fonte da fecundidade missionária e insiste na necessidade de comunidades reconciliadas e de uma colaboração generosa e confiante na obra da evangelização. A missão, portanto, não é obra de alguns especialistas, mas uma responsabilidade partilhada por todo o Povo de Deus. Ser «um em Cristo» conduz necessariamente a ser «unidos na missão».

O Evangelho dos dois filhos lembra-nos, porém, que esta unidade missionária não pode limitar-se a ser apenas declarada. Também aqui é necessário passar das palavras à vida. Podemos dizer muitas coisas bonitas sobre a missão e falar de evangelização, mas a pergunta de Jesus permanece: «Qual dos dois fez a vontade do Pai?». O mês missionário torna-se, então, um tempo privilegiado para verificar o nosso «sim»: até que ponto a nossa fé se traduz realmente em amor, na oração, no testemunho, na disponibilidade, na partilha e na colaboração com a missão da Igreja?

Santa Teresinha ensina-nos que mesmo uma vida aparentemente pequena pode tornar-se grande na missão quando é habitada pelo amor. E esta é talvez uma das mensagens mais belas que devemos levar connosco ao entrarmos no mês missionário: na vinha do Pai há lugar para todos. Ninguém é demasiado pequeno para ser missionário, ninguém é demasiado fraco para oferecer algo, ninguém chegou demasiado tarde para responder ao chamamento. O que o Senhor espera é um coração que, depois de ter ouvido a sua voz, esteja disposto a converter-se e a dizer com a vida: «Eu vou, Senhor».

No início do mês missionário, peçamos, portanto, ao Senhor a graça de não sermos cristãos apenas nas palavras, mas com a vida; não apenas pessoas que dizem «sim» com os lábios, mas discípulos que entram verdadeiramente na Sua vinha. Peçamos a graça de nos convertermos todos os dias, de acolhermos na Igreja aqueles que regressam ao Senhor, de não nos desanimarmos perante as nossas fraquezas e de reconhecermos que a missão pertence a todos. E, com Santa Teresinha, aprendamos a fazer do amor o nosso caminho missionário, para que, sendo verdadeiramente «um em Cristo», possamos também estar «unidos na missão» e contribuir, cada um segundo a sua vocação e os seus dons, para a grande obra da evangelização. *Ámen.*

Citações úteis:

PAPA FRANCISCO, *Angelus*, Praça São Pedro, domingo, 27 de setembro de 2020

Com a sua pregação sobre o Reino de Deus, Jesus opõe-se a uma religiosidade que não envolve a vida humana, que não questiona a consciência nem a sua responsabilidade perante o bem e o mal. Isto também é demonstrado pela parábola dos dois filhos, proposta no Evangelho de Mateus (cf. 21, 28-32). [...]

Os representantes desta religiosidade de “fachada”, que Jesus desaprova, eram na altura «os chefes dos sacerdotes e os anciãos do povo» (Mt 21, 23) que, segundo a admoestação do Senhor, no Reino de Deus serão precedidos por publicanos e meretrizes (cf. v. 31). [...]

Jesus não aponta os publicanos e as meretrizes como modelos de vida, mas como “privilegiados da Graça”. [...] porque a conversão é sempre uma graça. Uma graça que Deus concede a quem se abre e se converte a Ele. De facto, aquelas pessoas, ouvindo a sua pregação, arrependem-se e mudaram de vida. [...]

Deus é paciente com cada um de nós: não se cansa, não desiste depois do nosso “não”; também nos deixa livres de nos distanciarmos d’Ele e cometer erros. [...] Pensar na paciência de Deus é maravilhoso! Como o Senhor nos espera sempre; sempre ao nosso lado para nos ajudar; mas Ele respeita a nossa liberdade. Ele aguarda trepidante o nosso “sim”, para nos acolher novamente nos seus braços paternos e nos colmar com a sua misericórdia sem limites. A fé em Deus pede que renovemos todos os dias a escolha do bem em vez do mal, a escolha da verdade em vez da mentira, a escolha do amor ao próximo em vez do egoísmo. Aqueles que se converterem a esta escolha, depois de terem experimentado o pecado, encontrarão os primeiros lugares no Reino do Céu, onde há mais alegria por um só pecador que se converte do que por noventa e nove justos (cf. Lc 15, 7).

[...] O Evangelho de hoje põe em questão a forma de viver a vida cristã, que não é feita de sonhos e belas aspirações, mas de compromissos concretos, a fim de nos abirmos cada vez mais à vontade de Deus e ao amor pelos irmãos. Mas isto,

mesmo o menor compromisso concreto, não pode ser feito sem a graça. A conversão é uma graça que devemos pedir sempre: “Senhor, concedei-me a graça de melhorar. Dai-me a graça de ser um bom cristão”.

BENTO XVI, Viagem apostólica à Alemanha, 22-25 de setembro de 2011, *Homilia, Domingo, 25 de setembro de 2011*
No Evangelho, Jesus retoma este tema fundamental da pregação profética. Narra a parábola dos dois filhos que são convidados pelo pai para irem trabalhar na vinha. O primeiro filho respondeu: «“Não quero”. Depois, porém, arrependeu-se e foi» (Mt 21, 29). O outro, ao contrário, disse ao pai: «“Eu vou, senhor.” Mas, de facto, não foi» (Mt 21, 30). À pergunta de Jesus sobre qual dos dois cumprira a vontade do pai, os ouvintes justamente respondem: «O primeiro» (Mt 21, 31). A mensagem da parábola é clara: Não são as palavras que contam, mas o agir, os actos de conversão e de fé. [...]

No Evangelho deste domingo, como vimos, fala-se de dois filhos, mas misteriosamente por detrás deles há um terceiro. O primeiro filho diz «não», mas depois cumpre a vontade do pai. O segundo filho diz «sim», mas não faz o que lhe foi ordenado. O terceiro filho diz «sim» e faz também o que lhe foi ordenado. Este terceiro filho é o Filho Unigénito de Deus, Jesus Cristo, que aqui nos reuniu a todos. Ao entrar no mundo, Ele disse: «Eis que venho (...) para fazer, ó Deus, a vossa vontade» (Heb 10, 7). Este «sim», Ele não se limitou a pronunciá-lo, mas cumpriu-o e sofreu até a morte. Diz-se no hino cristológico da segunda leitura: «Ele, que era de condição divina, não quis ter a exigência de ser posto ao nível de Deus. Antes, a Si próprio Se despojou, tomando a condição de escravo, ficando semelhante aos homens. Tido no aspecto como simples homem, ainda mais Se humilhou a Si mesmo, obedecendo até à morte e morte na cruz» (Flp 2, 6-8). Em humildade e obediência, Jesus cumpriu a vontade do Pai, morreu na cruz pelos seus irmãos e irmãs – por nós – e redimiu-nos da nossa soberba e obstinação. Agradecemos-Lhe pelo seu sacrifício, ajoelhemos diante do seu Nome e, juntamente com os discípulos da primeira geração, proclamemos: «Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai» (Flp 2, 11).

JOAO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal sobre vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo, *Christifideles Laici*

A parábola do Evangelho abre aos nossos olhos a imensa vinha do Senhor e a multidão de pessoas, homens e mulheres, que Ele chama e envia para trabalhar nela. A vinha é o mundo inteiro (cf. Mt 13, 8), que deve ser transformado segundo o plano de Deus em ordem ao advento definitivo do Reino de Deus. [...]

Estados de vida e vocações

55. Trabalhadores da vinha são todos os membros do Povo de Deus: os sacerdotes, os religiosos e as religiosas, os fiéis leigos, todos simultaneamente objecto e sujeito da comunhão da Igreja e da participação na sua missão de salvação. Todos e cada um trabalham na única e comum vinha do Senhor com carismas e com ministérios diferentes e complementares. Já ao nível do ser, ainda antes do nível do agir, os cristãos são vides da única fecunda videira que é Cristo, são membros vivos do único Corpo do Senhor edificado na força do Espírito. [...]

Descobrir e viver a própria vocação e missão

58. [...] Na vida de cada fiel leigo há, pois, *momentos particularmente significativos e decisivos* para discernir o chamamento de Deus e para aceitar a missão que Ele confia: entre esses momentos estão os da *adolescência* e da *juventude*. Ninguém, todavia, esqueça que o Senhor, como o proprietário em relação aos trabalhadores da vinha, chama — no sentido de tornar concreta e pontual a Sua santa vontade — *a todas as horas* de vida: por isso, a vigilância, qual cuidadosa atenção à voz de Deus, é uma atitude fundamental e permanente do discípulo.

Não se trata, no entanto, apenas de *saber* o que Deus quer de nós, de cada um de nós, nas várias situações da vida. É preciso *fazer* o que Deus quer: assim nos recorda a palavra de Maria, a Mãe de Jesus, dirigida aos criados de Caná: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5). E para agir em fidelidade à vontade de Deus, é preciso ser *capazes* e tornar-se *cada vez mais capazes*. Sem dúvida, com a graça do Senhor, que nunca falta. [...]